

Projeto de Pesquisa

Pesquisador responsável:

Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima Neto

Um arquivo *por vir*: literaturas, memória e política

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Centro de Letras e Artes – Escola de Letras

Programa de Pós Graduação em Memória Social - PPGMS

Resumo

Este projeto de pesquisa visa trabalhar com uma releitura crítica das literaturas moderna/contemporânea em língua portuguesa, num período alargado que vai do modernismo até os dias atuais, através dos arquivos publicados e institucionalizados [como livros, catálogos etc.] e, também, dos arquivos esparsos e dispersos que estão nos periódicos de caráter literário, artístico e cultural para que se possa desenvolver novas formas de olhar a leitura crítica concentrada sobre a produção dessas literaturas estabelecendo zonas de contato com outras expressões do pensamento e da arte e suas implicações e desdobramentos na produção contemporânea. A ideia é estabelecer um cruzamento de textos críticos, poemas, cartas publicadas, relatos, impressões e tradução com outros textos, como a crítica sobre literatura em livros e periódicos, entrevistas, textos sobre poesia e arte, sobre cultura, sobre música, sobre cinema, sobre linguagem numa perspectiva filosófica e política, constituindo assim um mapa de interesses indexados e catalogados que se postule também como um arquivo em movimento.

Importante salientar também que o curso de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, recém implantado [dois anos e meio até o momento], faz parte de um projeto muito maior que é o do Centro de Letras e Artes [CLA] da mesma universidade. A ideia é que o curso, ou a Escola de Letras, possa compor uma linha de produção de pesquisa e pensamento em contato e contaminação com a produção das outras Escolas que formam o CLA, como Música e Teatro. E que, ao mesmo tempo, seguindo o projeto pedagógico do curso, a pesquisa tenha como pretensão dar a ver uma produção que arme constantemente zonas de contato com o cinema e com as artes visuais, com a cultura e com a filosofia e, principalmente, com a memória e a política. Por isso, o projeto tem esse princípio de articulação crítica abrangente para que, num momento futuro, se possa ter a partir daí não apenas um grupo de pesquisa trabalhando em torno dessas questões, mas que se possa fomentar a ideia de um núcleo de pesquisa vinculado ao curso com parceria com outros cursos e outras universidades. É exatamente nisso que se encontra a justificativa seminal para a apresentação desse projeto à linha de pesquisa *Memória e Linguagem*, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, PPGMS, desta universidade, programa que pode contemplar este modo de operação aberta e movente de pesquisa.

Introdução

O século XX brasileiro parece favorecer uma leitura crítica de um certo olhar, entre efusivo e desconfiado, para a modernidade brasileira ou para o Brasil moderno, que eclode com os vários modernismos do começo do século até a construção de Brasília, ou com os movimentos da poesia concreta e da arte neoconcreta, com a indústria cultural, com os primeiros passos daquilo que viria a ser o cinema novo, a bossa nova, o Tropicalismo, entre tantas outras coisas que circulavam nos dilemas da ditadura militar e sua circunscrição de monopolização de memória e, assim, dominação da história. Desta maneira, ao escolher este período aberto e amplo, composto por uma constituição cultural tão díspar, provida por olhares poéticos e inventivos também tão díspares, penso numa maneira para propor uma ideia de *arquivo por vir*, que é o apontamento que pode surgir nas zonas de contato desses arquivos como sugestão para a criação de outros documentos poéticos de invenção a partir do cruzamento crítico da produção de literatura com outras expressões e, principalmente, com possibilidades de ler e reler a nossa produção a partir do que podemos chamar de uma *memória movente*.

Primeiro fazendo uso do arquivo disperso de uma imensa produção crítica feita em periódicos, depois do arquivo já organizado em livros [entre poemas, cartas, fotografias, textos críticos, tradução etc] numa leitura crítica que ao tentar cruzar os seus procedimentos e o tempo histórico destes arquivos os refaz no presente, *agora*, como um arquivo do presente que pode apontar uma série crítica muito interessante para ler a constituição de nossa memória cultural a partir da produção variada de nossas literaturas, dos primeiros modernismos à contemporaneidade brasileiros. Isto também sem perder de vista, sempre que possível, uma expansão dos usos da língua portuguesa, como na produção das literaturas modernas e contemporâneas em Portugal, por exemplo.

Esta pesquisa, pois, se vincula também à proposta de pesquisa da Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo e do Prof. Dr. Raúl Antelo desenvolvida no Núcleo de Estudos Literários e Culturais [NELIC], da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, a mais de 15 anos, do qual também faço parte como professor-pesquisador. Como está previsto e dito na proposta do próprio núcleo, o NELIC se pauta na indexação de periódicos em um banco de dados relacional, no mapeamento e análise da produção cultural contemporânea, na investigação de linhagens poéticas, na releitura da

tradição literária, na construção e desconstrução de cânones, visando, em última instância, ler, nas mediações culturais que são os periódicos, a trama de discursos da modernidade tardia. Penso que a articulação desta pesquisa a ser desenvolvida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, num acordo com a proposta já consolidada do NELIC, da UFSC, e tomando-o como modelo propositivo, pode ser um ganho para os alunos [graduandos, mestrandos, doutorandos] da UNIRIO, no que trata da possibilidade aberta de intercâmbio e troca de experiências entre pesquisas e pesquisadores, aprendizagem e entendimento da ideia de arquivo com e para a literatura em contato com outras expressões do pensamento e da arte, numa ideia de arquivo por vir.

A pesquisa então se pauta numa proposição crítica para sugerir uma *desincorporação literária*, como indica Jacques Rancière, numa política de leitura que possa abrir os gestos e os procedimentos dos autores em questão ao cruzá-los numa *dessubjetivação do arquivo*, como propõe Giorgio Agamben. Tornar compatível, mas ao mesmo tempo aberta, as maneiras de procedimento crítico dos autores, quando a contradição aparente entre leituras críticas pode ser a tensão de suas próprias escrituras. [RANCIÈRE, 1998, p. 14] Isto indica a incorporação de uma *experiência-limite* com a poesia e com a crítica de poesia, próximo daquilo que Jean-Luc Nancy chama de responsabilidade com *fazer a poesia*, que é não saber *qual lugar* se pode dar e ocupar com ela, que *fazer a poesia* é articular os vestígios da história, é entender que nada se explica e que nada se sabe. Armar um arquivo a partir da poesia é montar uma fala que fala por falar, uma fala quem tem apenas convicção de sua tagarelice, do quanto não pode parar de falar; Nancy comenta que a poesia é “uma resistência inscrita na linguagem, no seu reverso, ou como o seu reverso. [...] a indefinida expansão da linguagem, a sua tagarelice constitutiva.” [NANCY, 2006, p. 42-43] Enfim, *fazer a poesia* como uma responsabilidade seria o único sentido de poesia, que é um sentido sempre por fazer, um acesso ao outro. Esta responsabilidade crítica, ou tarefa crítica, nos avisa que só é possível penetrar a história com o que nós próprios criamos, ela “extraí o acesso de uma antiguidade imemorial, que nada deve à reminiscência de uma idealidade, mas é a exata existência atual do infinito, o seu retorno eterno.” [NANCY, 2006, p. 16]

A idéia de uma leitura cruzada de arquivos do passado termina por gerar um *arquivo por vir*, uma leitura do presente como anacronismo, para “fazer tudo falar – e depor, em troca, todo o falar nas coisas, ele próprio com uma coisa feita e mais que

perfeita.” [NANCY, 2006, p. 19] No anacronismo do presente, o passado evocado está sempre perto demais de quem o evoca e, via de regra, ele também desempenha funções políticas fortes na atualidade. Mesmo, se levarmos em conta que muito do material dos autores está publicado e acessível, acredito que uma leitura crítica que provoque uma encruzilhada propositiva neste material é importante para uma outra percepção crítica desses pensamentos acerca de um tempo efervescente da passagem da modernidade brasileira para o que ousamos chamar de contemporâneo, como já indiquei.

Por isso, proponho uma leitura que seja atravessada por uma história crítica do presente ao abrigar um conjunto variado de outros registros – que vão desde o testemunho até a memória –, de outras formas de agrupamento, de outros moveres para a reunião de textos, que pode ser a proposta para uma leitura de um arquivo ficcional, de um arquivo possível a partir da composição de uma comunidade tensa que oscila entre a lógica da emancipação e do reconhecimento e de um arquivo por vir que não é mais apenas a coleção. Não custa lembrar que Walter Benjamin sugere que todo documento da cultura é um testemunho da barbárie, e diz da importância em mover por dentro da história uma imagem dialética para gerar uma espécie de signo ambíguo, uma determinação do indeterminado, sair do colecionismo, montar a série deslocada de seu uso comum, propor um devir, um arquivo por vir. Gayatri Spivak comenta que não se trata mais de gerar um simples colecionismo, mas de *transcender* a tradicional problemática do colecionismo, *deslocar* seus usos. [SPIVAK, 1999, p. 205]

O arquivo por vir se apresenta como uma proposta para uma nova política da memória, de uma memória do presente. As análises de Jacques Derrida, por exemplo, sugerem que o que interessa em um arquivo do presente é a falha, a debilidade; e assim, uma falha seria aquilo que se apresenta como falta, o que, por sua vez, é aquilo que se apresenta como desejo. O desejo, num outro desdobramento, é uma pulsão de morte, uma tentativa arriscada de romper com a história e propor um arquivo por vir, que não é senão um arquivo do presente, uma memória do presente. É a isto que ele chama de ‘mal de arquivo’. Para ele “Não haveria certamente desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento [...] não haveria mal de arquivo sem a ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou de destruição.” [DERRIDA, 2001, p.32] A questão é que os textos que compõem um arquivo, ou vários arquivos, sempre se apresentam como algo além do que significam, porque todo texto é um vestígio, uma raspa, uma ranhura, uma aderência de um corpo outro e ausente que esteve ali. Derrida diz ainda que

o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável *passado*, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. [DERRIDA, 2001, p. 29]

É esse mover de uma estrutura do arquivo que desfaz o sentido do *arquivável* para o *arquivante*, como um procedimento de construção para uma outra relação política com o futuro, que é de fato uma relação com o presente, e que aponta para o arquivamento proposto neste plano de trabalho/projeto de pesquisa como uma produção de um arquivo por vir, um arquivo que vem a partir, principalmente, dos modos de operação da poesia e da crítica mas não apenas como gênero, e sim como uma textualidade disseminada, expandida, cruzada e compartilhada. Por fim, fazer uma leitura cruzada de arquivos diferentes é sempre armar *um outro*, como saída de um *passado arquivável* e propor, ao mesmo tempo, uma leitura de uma ficção do arquivo, ou seja, a montagem de um outro arquivo através de um *desejo arquivante*. Ao tomar um arquivo como um *penhor*, como também propõe Derrida, tomá-lo como um *penhor do futuro*, o que não é senão um penhor do presente. Assim, estamos diante, como pesquisa e como tarefa ética – que é toda a tarefa *da e com* a poesia [e *poesia* sempre no sentido daquilo que é tomado como texto de invenção, falha e desvio da linguagem, e não apenas como gênero literário] –, de um arquivo possível a ser revisto e relido, de um arquivo por vir da comunidade que os vários modernismos brasileiros lançam como abertura e como política em direção ao espaço contemporâneo, o tempo presente.

Justificativa

Este projeto faz parte de um percurso como professor-pesquisador, desde minha pesquisa de mestrado entre 1995 e 1998, sobre o trabalho de Paulo Leminski, que gerou a publicação de um dos primeiros livros sobre Leminski no Brasil [ver bibliografia] até os desdobramentos disso, na minha atuação como crítico cultural em alguns jornais e

revistas [tais como O POVO, revista CULT, Jornal do Brasil, algumas revistas de poesia – como *Sibila*, SP e *Inimigo Rumor*, RJ – e acadêmicas e, agora, mais recentemente, na revista *Lado 7*, da editora 7Letras e no jornal O GLOBO], numa tentativa de acompanhar de perto a produção contemporânea brasileira de literatura sempre em contato com outras expressões do pensamento e da arte e em cotejo com a produção de outros países.

Por isso a relevância deste projeto está no movimento de retorno a um *passado arquivado e arquivável*, a produção de literatura brasileira expandida à produção da literatura em língua portuguesa e suas zonas de contato com outras expressões da arte e do pensamento, num recorte que parte da ideia de procedimento – daquilo que se move entre o poema e a produção de um pensamento crítico, entre o texto e a atuação política desse texto, entre o livro, o periódico e as outras expressões de arte –, para tocar a produção contemporânea de literatura a partir da constituição de uma comunidade, constantemente movida pela diferença e pela possibilidade de um *desejo arquivante*, para que se possa, assim, armar um outro arquivo de deliberação crítica em torno das literaturas e do pensamento *para e com* as literaturas produzidas no presente.

Por fim, atesto ainda que a relevância desse projeto se justifica também não só a partir da importância de releitura da ideia de arquivo, como uma tarefa política, nem apenas do meu percurso como pesquisador há muito interessado por esse período da produção da literatura brasileira que vai do modernismo até os nossos dias, mas principalmente nos desdobramentos que esta pesquisa abrangente pode gerar como contribuição à pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO.

Objetivos

- 1] Mapeamento, catalogação e estudos da literatura de autores que produziram no século XX, no Brasil, a partir de periódicos de caráter literário e cultural que circularam e circulam no país a partir do período;
- 2] investigar as articulações de pensamento crítico de autores e textos publicados em livros e nos periódicos em questão com a contemporaneidade brasileira que emerge na segunda metade do século XX e seus desdobramentos na produção contemporânea, neste presente começo de século XXI;

3] reler os procedimentos de criação e crítica de literatura do período em questão em confronto e desdobramento com a produção contemporânea em suas linhas cruzadas com as artes visuais, com o cinema, com a política, com a filosofia, com a tradução etc;

4] propor uma discussão política dessa produção como arquivos que podem rearmar a nossa leitura do presente numa perspectiva aberta pelo *anacronismo* para refletir acerca da constituição dos trabalhos dos autores escolhidos – entre o reconhecimento e a emancipação – nos campos da literatura e da cultura.

Método

Trata-se de constituição de arquivo, entre levantamento, mapeamento, catalogação [indexação] e pesquisa bibliográfica de criação e de crítica, em periódicos e também em textos e livros dos e sobre autores que formam um outro arquivo possível, um *arquivo por vir*, do século XX brasileiro até os dias de hoje.

Uma tentativa de reinscrever a ideia de arquivo numa temporalidade do presente. Walter Benjamin sugere e exige, para desfazer a historicidade oficial, uma captura da *agoridade*, que é possível na captura de um passado que deixa de ser apenas passado, pois reencontra sua possibilidade como um lampejo do presente. Assim, mover a ideia de arquivo para provocar um enfrentamento de suas temporalidades no presente, para o presente, como uma ficção crítica: ler o presente a partir do arquivo possível. Provocar um furo nos arquivos institucionalizados e canônicos, rever a falta e articular a debilidade dos arquivos literários e culturais é armar um anacronismo como política de leitura, e com isso, num procedimento para um *arquivo que vem* discutir também o problema político do presente da literatura.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte, ED.UFMG, 2005.

CLAIR, Jean. **Paradoxe sur le conservateur**. Paris, L'Échoppe, 1988.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

LUDMER, Josefina. **Temporalidades do presente**. *Margem/margenes*. Belo Horizonte/Buenos Aires, nº4, dezembro de 2003.

MEREWETHER, Charles. **The Archive**. Cambridge, MIT Press, 2006.

NANCY, Jean-Luc. **A Resistência da Poesia**. Trad. Bruno Duarte. Lisboa, Vendaval, 2006.

RANCIÈRE, Jacques . **La parole muette**. Paris, Hachette, 1998.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **A Critique of Postcolonial Reason**. Cambridge, Harvard University Press, 1999.

VIRNO, Paolo. **El recuerdo del presente: ensayo sobre el tiempo histórico**. Trad. Eduardo Sadier. Buenos Aires: Paidós, 2003.

Bibliografia para o projeto

AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental**. Tradução Selvino José Assmann. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.

_____. **Infância e História – Destruição da Experiência e Origem da História**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte, UFMG, 2005.

_____. **Profanações**. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo, Boitempo, 2007.

_____. **Lo que queda de Auschwitz, El archivo y el testigo**. Trad. Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia, Pré-textos, 2002.

_____. **Idea de la prosa**. Trad. Laura Silvani. Barcelona, Península, 1989.

_____. **A comunidade que vem**. Trad. António Guerreiro. Lisboa, Presença, 1993.

_____. **Lo Abierto**. Trad. Flavia Costa y Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

ANDRADE, Oswald. **Pau-Brasil**. Rio de Janeiro, Globo e Secretaria do Estado da Cultura - RJ, 1990.

_____. **A Utopia Antropofágica**. Rio de Janeiro, Globo e Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

ANTELO, Raúl. **Ausências**. Florianópolis, Editora da Casa, 2009.

_____. **Transgressão e Modernidade**. Ponta Grossa, UEPG, 2001.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. **O Neutro**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Trad. Cláudio L. Coutinho, Magali Montagné, Antonio Ceschin. São Paulo, Ática, 1992.

_____. **A mutilação sacrificial e a orelha cortada de Van Gogh**. Trad. Carlos Valente. Lisboa, Hiena Editora, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994. [Obras Escolhidas; v. 1]

_____. **Rua de Mão Única**. Trad. Rubens Rodrigues Torre Filho. 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1995. [Obras Escolhidas; v. 2]

_____. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo.** Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1. ed. São Paulo, Brasiliense, 1989. [Obras Escolhidas; v. 3]

_____. **Passagens.** Org. Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte, Editora UFMG; São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

BERARDINELLI, Alfonso. **Da Poesia à Prosa.** Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo, Cosac Naify, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 1, A palavra plural.** Trad. Aurélio Guerra Neto. Vol. I. São Paulo, Escuta, 2001.

_____. **A conversa infinita 2, A experiência limite.** Trad. João Moura Jr. São Paulo, Escuta, 2007.

_____. **O espaço literário.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

_____. **O Livro por Vir.** Trad. Maria Regina Louro. Lisboa, Relógio D'água, 1984.

_____. **La Escritura del Desastre.** Monte Ávila, Caracas, 1990. [09-41]

_____. **A Parte do Fogo.** Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

BOPP, Raul. **Vida e Morte da Antropofagia.** Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

CAMARA, Mario. **El caso Torquato Neto - diversos modos de ser vampiro en Brasil en los años setenta.** São Paulo, Lumme Editor, 2011 [Coleção Móbile].

CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. **Atrás dos olhos pardos.** Chapecó, Argos, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas.** 4.^a edição. São Paulo, Perspectiva, Coleção Debates, 1992.

_____. **A Arte no Horizonte do Provável.** 4.^a edição. São Paulo, Perspectiva, Coleção Debates, 1977.

DEGUY, Michel. **Reabertura após obras.** Trad. Marcos Siscar e Paula Glenadel. Campinas: EdUnicamp, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição.** Trad. Luiz Orlandi e Arlindo Machado. 2^a ed. Rio de Janeiro, Graal, 2006.

_____. **Lógica do Sentido.** Trad. Luiz Roberto S. Fortes. 4. ed. São Paulo, Perspectiva, 2006.

_____. **Por uma literatura menor.** Trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

DERRIDA, Jacques. **Paixões.** Trad. Lóris Machado. Campinas, Papirus, 1995.

_____. **Salvo o Nome.** Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas, Papirus, 1995.

_____. **La Diferencia / Différance.** Chile, Edicion Eletronica da Escuela de Filosofia Universidad ARCIS. www.philosophia.cl

_____. **Papel-máquina.** Trad. Evando Nascimento. São Paulo, Estação Liberdade, 2004.

_____. **A escritura e a diferença.** Trad. Maria Beatriz Marques. São Paulo, Perspectiva, 2005. [Debates]

- _____. *Che cosa è la poesia?* Trad. Marcos Siscar e Tatiana Rios. **Inimigo Rumor**, n. 10. SP/RJ, Cosac & Naify / 7Letras. 2006. [113 a 116]
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **La imagem mariposa**. Trad. Juan José Lahuerta. Barcelona, Muditó, 2007.
- _____. **Ante el tiempo**. Trad. Oscar A. O. Funes. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2000.
- _____. **Ante la imagen**. Trad. Françoise Mallier. Murcia, Cendeac, 20010.
- _____. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 1998.
- _____. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Marcia Arbex. Belo Horizonte, UFMG, 2011.
- _____, RANCIÈRE, Jacques; MONDZAIN, Marie-José; STIEGLER, Bernard. **A república por vir – arte, política e pensamento para o século XXI**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- FAVARETTO, Celso. **A invenção de Hélio Oiticica**. São Paulo, Edusp, 1992.
- FAUSTINO, Mário. **Evolução da Poesia Brasileira**. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- FAUSTINO, Mário. **Poesia - Experiência**. São Paulo, Perspectiva, Coleção Debates, 1976.
- FIGUEIREDO, Luciano (Org.). **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- _____. **Lygia Clark e Hélio Oiticica – Cartas 1964 – 74**. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 1996.
- FOSTER, Hal. *Art and Archive* in **Design and Crime**. London, Verso, 2003 ou *An Archival Impulse*, *October* 110, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo, Editora 34, 2006.
- KAMENSZAIN, Tamara. **La boca del testimonio – lo que dice la poesia**. Buenos Aires, Norma Editorial, 2007.
- LEVINAS, Emanuel. **Dans la trace**. Paris, Albin Michel, 1998.
- _____. **Ética e Infinito**. Trad. João Gama. Lisboa, Edições 70, 1982.
- _____. **Humanismo do outro homem**. Trad. Pergentino Pivatto. Petrópolis, Vozes, 1993.
- LIMA, José Lezama. **A dignidade da poesia**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo, Ática, 1996.
- LIMA, Manoel Ricardo de. **55 Começos**. Florianópolis, Editora da Casa, 2008.
- _____. **Entre Percurso e Vanguarda – alguma poesia de Paulo Leminski**. São Paulo, Annablume, 2002.
- _____ e MEDEIROS, Sérgio [Orgs]. **Edifício Rogério – textos críticos de Rogério Sganzerla vols. 1 e 2**. Florianópolis, EdUFSC, 2010.
- LOPES, Silvina Rodrigues. **Exercícios de Aproximação**. Lisboa, Vendaval, 2003.
- _____. **Anomalia Poética**. Lisboa, Vendaval, 2005.

MALLARMÉ, Stéphane. **Divagações**. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis, EdUFSC, 2010.

_____. **Poemas**. Trad. Augusto de Campos et al. São Paulo, Perspectiva, 2002.

MERCHIOR, José Guilherme. **Razão do Poema**. 2.^a edição. Rio de Janeiro, Top Books, 1996.

MOREY, Miguel. *El lugar de todos los lugares* in VARIOS AUTORES – **El mal de archivo**. Madrid, Comunidad de Madrid, 2007.

NANCY, Jean-Luc. **La comunidad desobrada**. Trad. Pablo Perera. Madrid, Arena Libros, 2001.

_____. **Corpus**. Trad. Patricio Bulnes. Madrid, Arena Libros, 2003.

_____. **El sentido del mundo**. Trad. Jorge Manuel Casas. Buenos Aires, La Marca, 2003.

_____. **Un pensamiento finito**. Trad. Juan Carlos Moreno Romo. Rubi [Barcelona], Anthropos Editorial, 2002.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Org. Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

OITICICA, Hélio. **Hélio Oiticica**. [Org. Cesar Oiticica Filho e Ingrid Vieira], Rio de Janeiro, 2009.

POUND, Ezra. **A arte da poesia**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1988.

_____. **ABC da Literatura**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1986.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo, Editora 34, 2005.

_____. **O desentendimento**. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo, Editora 34, 1996.

_____. **Políticas da Escrita**. Trad. Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2005.

SALOMÃO, Waly. **Hélio Oiticica, qual é o parangolé**. Rio de Janeiro, relume-Dumará, 1996.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências Brasileiras**. São Paulo, Cia. Das Letras, 1999.

_____. **Que horas são?** São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

SLOTERDIJK, Peter. **Venir al Mundo, Venir al Lenguaje**. Trad. Gérman Cano. Valencia, Pre-Textos, 2006.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

SÜSSEKIND, Flora. **Até segunda ordem não me risque nada**. Rio de Janeiro, 7letras, 1995.

_____. **Literatura e vida literária**. Belo Horizonte, EdUFMG, 2004.

VALERY, Paul. **Variedades**. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo, Iluminuras, 2007.

VIRNO, Paolo. **Gramática de la Multitud**. Trad. Adriana Gómez, Juan Estop e Miguel Santucho. Madrid, Mapas, 2003.

_____. **El recuerdo del presente, ensayo sobre el tiempo histórico**. Buenos Aires, Paidós, 2003.

WARBURG, Aby. **El renacimiento del paganismo**. Trad. Elena Sanchez et al. Madrid, Alianza Ed., 2005.

_____. **El ritual de la serpiente.** Trad. Joaquín Etorena Homaeché. Madrid, Sexto Piso, 2008.

WEIL, Simone. **A gravidade e a graça.** São Paulo, ECE, 1986.

_____. **Opressão e Liberdade.** Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru, Edusc, 2001.

_____. **Escritos Históricos y Políticos.** Madrid, Editorial Trotta, 2007.